AVEIRO, 5 DE OUTUBRO DE 1974 • ANO XX • NÚMERO 1030

Litoral

SEMANÁRIO

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

COSTA GOMES *sucede a* SPÍNOLA *na* PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

ACONTECIMENTOS dos derradeiros dias da pretérita semana e do primeiro dia da semana que amanhã finda — muitos deles divulgados, alguns mal esclarecidos ainda e outros ainda compreensivelmente ignorados do grande público — haverão de registar-se como factos e actos da mais alta transcendência na política portuguesa. De imediato, eles teriam sido causa, directa ou indirecta, da renúncia do Senhor General António de Spínola à presidência da República e da transferência do mais alto posto da governação para o Senhor General Costa Gomes: ambos, no mesmo dia — segunda-feira última, 30 de Setembro —, produziram importantes afirmações, que, lado a lado, se registam nestas páginas do Litoral, um modesto semanário de província, apartidário mas fundamentalmente português, assim, e principalmente, empenhado nas mais adequadas soluções dos grandes problemas portugueses; e tão solenes palavras registam-se aqui, porque uma das virtudes da Imprensa regional — virtude muito responsabilizante — é chegar aos mais recônditos lares das terras onde se radica, ser lida e meditada e comentada em família com particular interesse, e, depois, carinhosamente arquivada. Por isso, sempre os grandes fastos nacionais aqui têm sido referidos ou lembrados; e, no caso de agora, muito importa que os discursos transcritos sejam meditados — pois que, se um deles, ao estadear uma desoladora panorâmica, vale como advertência, o outro valoriza-se como promissora determinação. O nosso veemente desejo: que as futuras realidades, preconizadas e ambicionadas por Costa Gomes, deixem em mero lamento — respeitável e útil, até porque revitalizante de vontades — as palavras de Spínola; que assim seja, nos melhores rumos de Portugal — e cremos que será assim, se todos o quisermos, ajudando a cimentar, honestamente e patrioticamente, a decidida afirmação do reconduzido Primeiro Ministro, Senhor Brigadeiro Vasco Gonçalves, que garantiu, referindo-se ao Programa do Movimento das Forças Armadas, que ele será fielmente cumprido.

Disse o GENERAL SPÍNOLA

A crescente deterioração do clima social, económico e político, ultimamente mais acentuada, tem constituído, para mim, motivo da mais funda preocupação. Sobre as origens da situação a que chegamos me tenho debruçado num esforço de análise que sempre se orientou pela pureza dos princípios que enformaram o espírito de 25 de Abril. Esforço de análise a que me obrigaram a minha consciência de Português e a minha responsabilidade de Presidente da República, pois assumi perante o País o compromisso de responder pela restauração das liberdades cívicas e pela construção de uma Democracia institucional autêntica. E nessa tarefa me empenhei com sinceridade inequívoca e férrea determinação.

É dessa análise e da posição que assumo com base nas conclusões alcançadas, que desejo informar o Conselho de Estado e o País, para que sobre elas se não teçam interpretações inexactas, nem se deturpe a honestidade das intenções que lhes presidiram.

Começarei por afirmar que não é de hoje nem de ontem a minha adesão ao espírito do Movimento das Forças Armadas. Desde a nomeação para o cargo de Governador da Guiné que sempre expus frontalmente, primeiro sem publicidade por dever de ética e depois publicamente, a minha total oposição ao ideário e aos métodos do velho regime. E isso sem rodeios nem eufemismos, antes falando a rude linguagem da verdade que, como soldado e como combatente, jamais deixei de utilizar.

Estive com o Movimento desde a primeira hora, pelo que conheço perfeitamente o seu espírito e as suas intenções, a que aderi com uma sinceridade de que ninguém ousará duvidar. E são exactamente esse conhecimento e essa identificação que me conferem irrecusável autoridade moral para concluir que a origem da situação a que chegamos reside na desvirtuação do ideário do Movimento. Encontro-me perante a evidência de o programa do Movimento das Forças Armadas estar a evoluir no quadro de uma acção política tendente, afinal, à sua própria neutralização, em verdadeiro clima de inversão de uma Moral Cívica à margem da qual se torna impossível a prática da Democracia e da Liberdade. Inversão em que, por fidelidade ao espírito do Movimento e pelo respeito aos compromissos que assumi ao aceitar este cargo, não devo nem posso parti-

Continua na página 3

5 DE OUTUBRO

No dia 5 de Outubro de 1957 — há, portanto, 17 anos —, registámos, nesta mesma página do «Litoral» (cf. n.º 157), o aniversário do advento da República portuguesa; e fizemo-lo nos seguintes rigorosos termos:

Completam-se hoje quarenta e sete anos sobre o dia da proclamação da República em Portugal. O novo regime de há muito preparado por sinceros ideólogos, que nele viam a regeneração dum País debilitado por mil tormentas políticas, sociais e económicas, foi uma consequência dos desregramentos e desentendimentos partidários na Monarquia.

Contrariando os nobres intuitos radicados em patriotas dignos do maior respeito, e em contraste com realizações apre-

Continua na página 3

Disse o GENERAL COSTA GOMES

PORTUGUESES:

Ao aceitar o cargo de Presidente da República fi-lo pela convicção de que nenhum português tem o direito de se negar às responsabilidades que lhe sejam exigidas no período difícil que todos fraternalmente teremos que ultrapassar.

Quis o destino que eu suceda no cargo a um grande homem, verdadeiro soldado, ao qual me une meio século da mais fecunda amizade.

Muitos momentos comuns, muitas horas de amargura, muitas noites de vigília cimentaram entre nós sentimentos fraternos tão vincados que sempre ultrapassaram e ultrapassarão naturais diferenças de opiniões e conceitos.

Ninguém poderá negar que a sua última obra «Portugal e o Futuro» foi uma pedra angular no despertar da consciência colectiva de uma nação desviada dos seus verdadeiros destinos.

Homem do Movimento das Forças Armadas, nunca se desvinculou dessa qualidade, e todos contamos com a sua dedicação à causa do Movimento, a cujas fileiras continua a pertencer desde as primeiras horas de incerteza.

Profundamente idealista e exigente consigo próprio, o Senhor General António de Spínola comunicou ao País a sua decisão de rescindir ao cargo de Presidente da República baseado na sua análise pessoal e subjectiva da situação nacional.

Perante o Conselho de Estado, cujos membros bem conhecem os meus esforços continuados para evitar este acto de resignação, fiz a devida justiça às suas qualidades de grande amigo e companheiro de armas e o meu desgosto perante a sua decisão.

Ainda perante o Conselho de Estado signifiquei as extensas divergências entre as afirmações de Sua Excelência e a forma como o problema nacional pode ser apreciado.

Não seria cómodo para quem me escuta uma exposição extensa, mas não posso eximir-me a focar alguns pontos.

Na descolonização, não houve qualquer desvio ao Programa do Movimento das Forças Armadas. Visto que em todos os actos políticos não haveremos de sujeitar-nos a esquemas rígidos preconcebidos, teremos sim de, em respeito pelos grandes princípios orientar a evolução dos acontecimentos face à constante mutação da conjuntura política enquadrante.

Entendo dever referir que os responsáveis do Governo Português e todos os que têm colaborado no processo de descolonização em curso têm demonstrado inteligência, dedicação e talento. Creio que os resultados obtidos e a obter serão referidos como os melhores que, no momento histórico, seriam possíveis à luz dos interesses dos Povos intervenientes.

Quanto ao curso da democratização do País, se nem sempre tem sido possível evitar desvios a quem aprende o caminho da liberdade autêntica, creio que poderemos continuar a perguntar-nos se outra revolução no mundo soube ser simultaneamente tão profunda e tão pouco marcada por sangue, por dores ou por atentados graves ao civismo.

Há muito a melhorar e a corri-

Continua na página 3

Comemorações do I Centenário do Nascimento de EGAS MONIZ

Na última segunda-feira, 30 de Setembro findo, iniciaram-se as comemorações, a nível internacional, e por iniciativa da Comissão Nacional, do I Centenário do Nascimento do Professor Egas Moniz, que rigorosamente se completa em 29 de Novembro próximo.

Pelas 15 horas, e com a presença do Ministro da Educação e Cultura, do Secretário de Estado das Relações Culturais e Investigação Científica e, ainda, do Secretário da Saúde, foi inaugurado, em frente do Hospital Escolar de Santa Maria (Faculdade de Medicina), em Lisboa, um grandioso monumento, que representa a figura do sábio em vestes doutorais, obra magnífica do escultor Euclides Vaz. Falaram, no acto, o Professor Cândido de Oliveira e o Ministro, Professor Vitorino de Magalhães Godinho.

Terminadas estas cerimónias, as individualidades presentes seguiram para a Fundação Calouste Gulbenkian, onde se inaugurou, e passou a patentear-se ao público, uma exposição evocativa, em que se documentam a vida, obra, experiências e o mundial prestígio do egrégio cientista.

De manhã, e no auditório da Fundação, iniciaram-se, no mesmo dia, sessões científicas, que prosseguiram às 16 horas e se continuaram no dia imediato, também de manhã e de tarde. Nelas participaram mais de duas dezenas de reputados cientistas de vários países.

As celebrações, a nível nacional, serão retomadas em Lisboa, no dia 17 do corrente, na Academia de Ciências, e, no dia 24, na Reitoria da Universidade Clássica; em fins de Novembro, realizar-se-á uma sessão na Sala dos Actos Grandes da Universidade de Coimbra.

As comemorações culmina-

Continua na página 3

ARABESCOS *em* ÁGUA CORRENTE

CRUZ MALPIQUE

NÃO falta quem diga que, para os medíocres, não há lugar neste mundo. Constituem sobrecarga, com a qual o mundo não pode. E vá não sei quem de dizer, sem papas na língua: «O dever desses tais — aliás um dever que muito os honra! — é morrer».

Relativamente a cada um desses tais é, afinal, como se estivesse repetindo a famosa intimativa da personagem corneilleana: *«Qu'il mourût!»*, uma vez que nenhum deles é capaz de ser mais do que entulho do universo.

Exagero. Se esse drástico preceito fosse posto em prática, bem poderíamos dizer que o mundo ficaria quase deserto!

Mas têm, acaso, culpa, os medíocres, de serem quem são? E não será, que, em muitos casos, são medíocres, precisamente porque lhes não deram margem a valorizar-se?

Temos que aceitar quantos vieram ao mundo, aos superiores cabendo o dever — dever que muito os honra! — de fazer que este mundo seja, hoje, melhor, do que ontem, e, amanhã, melhor, do que hoje, mas sem eliminação dos medíocres.

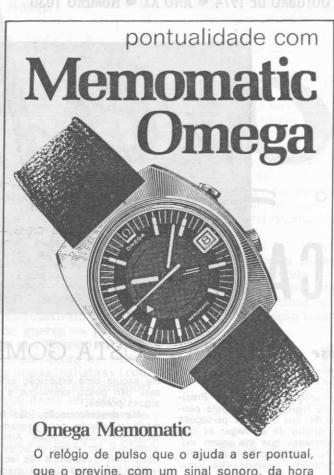
No mundo dos animais, lá poderá praticar-se a selecção biológica — os fracos suprimidos, em favor dos fortes. No mundo dos homens, porém, a filosofia dos valores transcende o critério puramente biológico.

8 —— DEVEM ELIMINAR-SE, SUMARIAMENTE, OS MEDÍOCRES?

«República de Portugal» — busto alegórico, da autoria do sau-

pontualidade com

Memomatic Omega

Omega Memomatic

O relógio de pulso que o ajuda a ser pontual, que o previne, com um sinal sonoro, da hora a que terá de satisfazer o seu próximo compromisso. É, por isso, de uma utilidade incomparável.

Omega Memomatic Ω
a sua memória automática

AGÊNCIAS OFICIAIS EM AVEIRO
OURIVESARIA MATIAS & IRMÃO
Av. Lourenço Peixinho, 78
RELOJOARIA CAMPOS
Frente dos Arcos

OFERECE-SE

— para emprego compatível com as respectivas habilitações, idade e sexo, rapariga finalista do Instituto Comercial (nocturno), de 22 anos. Dá referências.

Carta a esta Redacção, ao n.º 81.

ROGÉRIO LEITÃO

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DO CORAÇÃO
Ausente de 19/8/74 até 7/9/74

Consultas às segundas quartas e sextas-feiras à tarde (com hora marcada).

Cons.: — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 83-1.º E — Tel. 24790

Res. — R. Jaime Moniz, 18

Telef. 22677 AVEIRO

TRESPASSA-SE

— a antiga «CASA PINA», na Rua de António Rodrigues, no Bairro da Beira-Mar — por motivo de retirada. Tratar com o próprio naquele estabelecimento ou pelo telefone n.º 22551 (Aveiro).

A. FARIA GOMES

MÉDICO-ESPECIALISTA

ESTOMATOLOGIA
CIRURGIA ORAL
e REABILITAÇÃO

Consultas todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.

R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3 - 3.º E. — Telef. 27329

SAL DE AVEIRO

(ENSACADO OU A GRANEL)

COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES E TRANSFORMADORES DE SAIS MARINHOS DE AVEIRO (S.C.R.L.)

Escritório — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 118-2.º — Telef. 27367
Armazém — Cais de S. Roque, 100 — A V E I R O

MAYA SECO

Médico Especialista

PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS

Rua Dr. Alberto Souto, 11, r/c AVEIRO

---

aleluia

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— *garantia de qualidade e bom gosto* —

CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL
Apartado 13 · AVEIRO · PORTUGAL · Telef. 22061/3

J. Cândido Vaz

MÉDICO-ESPECIALISTA
DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas às 3.as e 5.as
a partir das 15 horas
(com hora marcada)

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 81-1.º Esq. — Sala 3
AVEIRO
Telef. 24788

Residência: Telef. 22856

SENHOR CONDUTOR

Guie com prudência e salvará a sua vida e a dos outros

DR. CAMPOS PINHEIRO

Médico Especialista
Rins e Vias Urinárias

Especializado nos E.U.A.
Especialista do Hospital Geral de Coimbra. a

Consultas:
Às 5.as feiras a partir das 15 horas.

Marcação de Consultas:
Clínica de S.ta Joana (Tel. 23026).

Residência: 29536 (Coimbra)

Dr. Santos Pato

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças das Senhoras — Operações

Consultório
Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 92-A-2.º — às 2.as, 4.as, e 6.as feiras das 15 às 16 horas

Telefones 23 182 - 75 277

AVEIRO

J. Rodrigues Póvoa

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina

DOENÇAS
DO CORAÇÃO E VASOS
RAIOS X
ELECTROCARDIOGRAFIA
METABOLISMO BASAL

No consultório — **Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 1.º Dto.**
Telefone 23875

a partir das 13 horas com hora marcada

Residência — Rua Mário Sacramento 106-3.º Telefone 22750

EM ÍLHAVO
no Hospital da Misericórdia
às quartas-feiras, às 14 horas.

Em Estarreja - no Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas.

Rede Ferreira

MÉDICO CLÍNICA GERAL

Consultas todos os dias, excepto aos sábados, a partir das 17.30 horas.

Av. Dr. L. Peixinho, 54 - 2.º
Telefone 28354
Residência 28408

AVEIRO

COMPRA PROPRIEDADES VENDA

Rua Luís Cipriano, 15 (à R. dos Comb. G. Guerra)
TELEF. 28353
AVEIRO

VENDE-SE

— por motivo de retirada, recheio de casa, incluindo fogão com 4 bocas, gravador e rádio.

Informa-se nesta Redacção, ou pelo telefone 27373 (Aveiro).

TRASTES E CACOS

Móveis antigos. Reproduções e adaptações fora de série.

Antiqualhas

Antiqualha de Aveiro

ANTÓNIO HENRIQUES

Polidor e Encerador de Móveis

Restauração de móveis antigos e modernos • Raspamentos e enceramentos de carpintarias em prédios modernos

Bairro da Misericórdia, 40
Telefone 24594 - AVEIRO

SEISDEDOS MACHADO

ADVOGADO

Travessa do Governo Civil, 4-1.º-Esq.º

— AVEIRO —

M. Costa Ferreira

MEDICINA INTERNA
DOENÇAS DO CORAÇÃO
DOENÇAS DO SANGUE

Consultas diárias às 15 horas

Consultório: Rua Dr. Alberto Souto, n.º 34-1.º

TELEF.: Resid. 25584 / Cons. 28216

VENDEM-SE 3 CASAS NA PRAIA DA BARRA

Boa localização; na Estrada do Parque de Campismo; independentes; com todos os requisitos modernos; mobilados.

Tratar pelos telefones 23850 ou 23481 (Aveiro).

PAPEIS DE PAREDES

ESTAMPAGEM ALEMÃ

MARAVILHOSA DECORAÇÃO
PESSOAL ESPECIALIZADO

ALCATIFAS DIVERSAS

MOSAICOS DIVERSOS

BANCAS DE AÇO INOXIDÁVEL

AZULEJOS — BANHEIRAS

FERNANDO VIANA

RUA GENERAL COSTA CASCAIS — **ESGUEIRA**

AVEIRO

Telef. 24694

LADRILHOS PLÁSTICOS

AGENTE DA AFAMADA TAPINIL

FAZEM-SE APLICAÇÕES

E DÃO-SE ORÇAMENTOS

TELHAS ARGIBETÃO

EM CIMENTO, COLORIDOS

AS MAIS BELAS E ECONÓMICAS

FAÇA FÉRIAS PORTUGUESAS

Na Madeira
No Minho
No Algarve
Nos Açores
Na Serra da Estrela

CONTACTE-NOS • PEÇA PROGRAMAS

SOMOS

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

"OS CAPOTES"

AVEIRO — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 223
Telefones 28228 e 28229 — Telex 22584

Sede: ÍLHAVO — Agência: ESPINHO

Brevemente a abertura de filiais em **Mira** e **Lisboa**

PRESENTE A CERTEZA DE BONS SERVIÇOS

Disse o General Spínola

Continuação da 1.ª página

cipar. Dois ou três pontos bastarão para o justificar.

Esteve no espírito do Movimento das Forças Armadas definir, concreta e objectivamente, uma política ultramarina que conduzisse à paz entre os portugueses de todas as raças e credos, objectivo que o anterior regime se revelou totalmente incapaz de atingir. Essa política definimo-la nós, ao estabelecer inequivocamente e com geral aceitação os princípios programáticos do processo de descolonização que o Mundo e os homens de sã consciência reconheceram válidos. Toda essa política e o consequente processo de descolonização foram deturpados, numa intenção deliberada de os substituir por medidas antidemocráticas e lesivas dos reais interesses das populações africanas.

Esteve igualmente no espírito do Movimento das Forças Armadas promover a harmonia entre todos os credos políticos. Mas essa harmonia jamais será possível quando, por um lado, os chefes declarados de alguns partidos políticos fazem apelo ao bom senso, e por outro lado os respectivos grupos de acção enveredam pela via da coacção psicológica através dos grandes meios de Informação, e até da violência, em flagrante negação da liberdade e a pretexto da insinuação caluniosa logo lançada sobre os seus oponentes.

Esteve no espírito do Movimento das Forças Armadas reservar à Nação, através das suas legítimas instituições democráticas, a definição do perfil da sociedade que os Portugueses desejam construir. Mas esse princípio encontra-se claramente ameaçado, senão já de todo comprometido, pela sistemática cedência perante a realização larvar das reformas de fundo, que dia-a-dia se vão operando face ao clima vigente da ausência de lei. Daí resulta que, no fim deste longo período de anomalia, a Nação Portuguesa se encontrará perante situações irreversíveis, fortemente limitativas do Estatuto Constitucional que vier a ser escolhido em consenso popular. Tais situações estão desse modo retirando ao Povo a sua real capacidade para o exercício da soberania.

O programa do Movimento previa também que a substituição do regime deposto teria de processar-se sem convulsões internas que afectassem a Paz, o Progresso e o Bem-Estar do Povo português. A situação é, infelizmente, bem diferente. Forjam-se reivindicações, postas nas mãos dos trabalhadores por burgueses frustrados do velho regime, subitamente titulados também de trabalhadores. A paz, o progresso e o bem-estar da Nação são comprometidos pela crise económica para que caminhamos aceleradamente, pelo desemprego, pela inflação incontrolada, pela quebra no comércio, pela retracção dos investimentos, e pela ineficácia do poder central. Isto porque quanto se vem fazendo à sombra do programa do Movimento das Forças Armadas, pouco menos é do que o assalto aos meios de produção. E a reivindicação com base em decisões tomadas a níveis sem competência nem legitimidade para o fazer. Enfim, é a inversão das estruturas, à margem da sanção democrática do Povo. Anulam-se as leis do velho regime antes que as novas leis regulem a vida política, social e económica do País e mesmo algumas das leis já publicadas são impunemente escarnecidas. Neste clima generalizado de anarquia, em que cada um dita a sua própria lei, a crise e o caos são inevitáveis, em flagrante contradição com os propósitos do Movimento. Por várias vezes chamei a atenção do País para as consequências a que tal estado de coisas acabaria por conduzir. E após profunda e demorada reflexão tomei a nítida consciência de não estarmos a caminhar para o país novo que os Portugueses desejam construir.

Conclui assim ser inviável a construção da Democracia sobre este assalto sistemático aos alicerces das estruturas e instituições por grupos políticos cuja essência ideológica ofende o mais elementar conceito de liberdade, em flagrante desvirtuação do espírito do 25 de Abril. Encontro-me, portanto, perante a impossibilidade de execução fiel ao programa do Movimento das Forças Armadas. O meu sentido de lealdade inibe-me de trair o Povo a que pertenço e para o qual, sob a bandeira de uma Falsa Liberdade, se estão preparando novas formas de escravidão.

Tenho dedicado toda a minha vida ao serviço da Pátria e não desejo que fique a pesar-me na consciência haver alguma vez traído os meus concidadãos. Nestas condições, e perante a total impossibilidade de, no actual clima, se construir uma Democracia autêntica ao serviço da paz e do progresso do País, renuncio ao cargo de Presidente da República.

Ao dirigir ao Conselho de Estado e ao Povo Português esta mensagem de renúncia, desejo reafirmar a minha indestrutível vinculação aos ideais da liberdade e da Democracia e a minha inabalável obediência a princípios básicos de ética militar que me inibe de participar em projectadas estruturas revolucionárias. E no momento em que, uma vez mais, o País está na iminência de ver esses ideais comprometidos, lanço o meu último apelo para que cada português conserve a necessária serenidade de espírito, se mantenha em paz, confie na força do voto secreto, a grande arma democrática dos homens ordeiros e livres, e jamais consinta que a sua consciência seja violada.

Termino formulando os mais ardentes votos para que a causa da Liberdade e da Democracia triunfe de facto sobre quantos dela se vêm apenas servindo. E levo comigo o conforto da certeza de tudo haver feito para manter intacto o espírito do 25 de Abril, do qual me constituí intransigente defensor e garante.

Disse o General Costa Gomes

Continuação da 1.ª página

gir; pois todos unidos nós o faremos.

Nenhum português que ama o Povo a que pertence ignora hoje que o trabalho, a ordem e a unidade são os marcos essenciais que garantem as liberdades democráticas e o respeito pelos direitos fundamentais do homem.

Em política, como em tudo na vida, quem planeia a longo prazo tem menos que se preocupar com o patamar em que se apoia do que com a tendência ascendente a imprimir ao fenómeno.

Estaremos todos unidos para trabalhar e progredir, sempre melhores, sempre mais disciplinados e conscientes do que no dia anterior.

Resta-me agora, perante a Nação, definir algumas linhas mestras do meu pensamento quanto ao nosso futuro imediato.

No plano geral, saberemos interpretar as leis constitucionais em vigor, onde são essenciais os pontos do Programa do Movimento das Forças Armadas.

Saberemos todos criar as condições sociais que permitam ao Povo escolher as suas instituições políticas dentro do conceito basilar de democracia pluralista, único que garante espaço para projecção da verdadeira dimensão da dignidade humana.

No processo de descolonização tudo faremos para respeitar os legítimos interesses das populações locais, procurando o justo equilíbrio na criação das condições de fraternidade, de respeito mútuo e de amizade que substituirão laços anteriores historicamente ultrapassados. Timor, São Tomé e Cabo Verde serão problemas diferenciados, cuja única constante é a garantia de que a consulta das populações, livremente expressa, terá papel decisivo no curso do processo.

Quanto a Moçambique, iremos respeitar com meridiano rigor os compromissos assumidos nos acordos de Lusaca.

Angola tem as coordenadas fundamentais desta fase do processo já definidas pela Junta de Salvação Nacional a que pertenço e com as quais me identifico plenamente.

Conforme já foi aceite nas Nações Unidas, Macau tem um estatuto especial.

Ao entrar agora nos aspectos da política externa, desejo fazer uma referência a um novo país da comunidade internacional, à Guiné-Bissau. Procuraremos desenvolver em termos de respeito e interesses mútuos todos os laços políticos, económicos e culturais, que os dois povos entendam por bem.

Em relação à sociedade internacional continuaremos a garantir o respeito pelos princípios da independência e da igualdade entre os Estados, sem interferências nos assuntos internos de outros países.

Respeitaremos os tratados internacionais em vigor, nomeadamente o da O.T.A.N., bem como os compromissos comerciais ou financeiros a que nos vinculámos.

O espírito da nova constituição permitir-nos-á reforçar laços com os países amigos, e negociar o estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com todos os países do mundo.

Os laços históricos facilitar-nos-ão reforçar a comunidade luso-brasileira, renovar as relações com os países do Terceiro Mundo, com os países árabes e outros de que nos encontramos afastados.

Desejaria terminar com uma palavra de tranquilidade.

Deixo-vos a certeza de que as Forças Armadas, militares e militarizadas, se estão integrando rapidamente no espírito novo e vão-se tornando mais aptas a garantir ao Governo Provisório e ao Povo o clima de ordem e liberdade porque ansiamos para nos dedicarmos ao trabalho com a certeza de que vamos constituir um futuro melhor, mais justo, mais democrático.

Comemorações do I Centenário do Nascimento de
EGAS MONIZ

Continuação da 1.ª página

rão, a nível local, em Avanca e Aveiro, respectivamente freguesia e distrito da naturalidade de Egas Moniz, com programa a anunciar em devido tempo.

Conforme uma sugestão da Secretaria de Estado da Saúde, logo ratificada pelo Ministério da Coordenação Interterritorial, o Hospital do Ultramar passará a denominar-se Hospital Egas Moniz.

5 DE OUTUBRO

Continuação da 1.ª página

ciáveis fomentadas por inteligências serenas, de inconcussa verticalidade moral, ocorreram com o advento da República muitos desmandos, sempre latentes nos alicerces inseguros das grandes reformas. E, tanto como as virtudes do novo regime, os erros foram hiperbolizados, servindo, aquelas e estes, de pasto a demagogias opostas, com as quais as paixões partidárias fizeram liça desagregadora das forças da Nação.

Dezasseis anos volvidos, um movimento revolucionário incruento propôs-se revigorar e conduzir as energias nacionais por caminhos salvadores; e, em três décadas, revolucionários e aderentes, confiados em fórmulas político-económicas cuja eficiência — exaltada por uns até paroxismos nem sempre sinceros e desinteressados, denegrida por outros às vezes com excessiva virulência — não conseguiram ainda atingir a almejada plenitude dos seus intentos, e por isso se propõem continuar a Revolução.

Que no entendimento fraterno e inteligente de todos os Portugueses se firmem as bases de uma prosperidade a que têm incontestável jus as virtualidades e méritos lusíadas — é quanto ambicionamos neste momento, ao prestar a nossa respeitosa homenagem a todos os que verteram o seu sangue ou por qualquer outra forma se sacrificaram pelo engrandecimento da Pátria.

A 17 anos de distância destas mesmas palavras — e ao evocar de novo o importantíssimo facto sobre o qual dobaram já 64 anos, que hoje precisamente se completam —, nada temos a retirar nem a acrescentar ao que então dissemos; apenas queremos reiterar o voto, na altura formulado, de «entendimento fraterno e inteligente de todos os Portugueses» — num apelo, agora, mais do que nunca pertinente e voltado à boa-vontade e à inteligência «de todos os Portugueses».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sábado	MODERNA
Domingo	ALA
2.ª-feira	AVEIRENSE
3.ª-feira	AVENIDA
4.ª-feira	SAÚDE
5.ª-feira	OUDINOT
6.ª-feira	NETO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Trabalho no próximo Domingo

Com o pedido de publicação, recebemos — com data de 2 do corrente o primeiro e de 3 os dois últimos — os seguintes comunicados:

● **SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO**

Relativamente à proposta de uma jornada de trabalho no próximo domingo, perguntam os católicos se a adesão a ela implica um conflito de consciência com a prática cristã de celebrar o Dia do Senhor pelo descanso festivo e reunião eucarística.

O Secretariado Geral do Episcopado está autorizado a declarar que, dado o carácter esporádico da iniciativa, podem considerar-se dispensados do preceito do descanso dominical os que a ela aderirem. Devem, no entanto, fazer o possível por participar na Eucaristia.

● **SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS**

AVISO AO PÚBLICO

Correspondendo ao apelo de Sua Excelência o Primeiro Ministro o pessoal destes Serviços Municipalizados resolveu trabalhar no próximo domingo, pelo que, nesse dia, estarão em pleno funcionamento todas as suas actividades.

● **LICEU DE JOSÉ ESTÊVÃO**

A Comissão de Gestão do Liceu José Estêvão comunica à população escolar que haverá actividades no Liceu-Sede a partir das 9 horas do próximo domingo, dia 6.

REGRESSOU O BACALHOEIRO «AVÉ-MARIA»

Sob o comando do sr. Capitão Francisco Pádua Corte-Real, entrou a barra do porto de Aveiro, com cerca de 7 000 quintais de bacalhau frescal, o bacalhoeiro «Avé Maria», propriedade da Empresa de Pesca de Lavadores, L.da, com sede na praia da Barra.

REUNIÃO DE TRABALHADORES

Presidida pelo sr. Brasilino Godinho, que se encontrava ladeado pelos srs. Dr. Carlos Candal (M.D.A.); Dr. Manuel Matos (da Comissão de Gestão do Liceu), Manuel Pereira dos Santos Gamelas (da União Sindical de Aveiro), Eng.º Castro Moreira (em representação dos trabalhadores da função pública), e Tiago Paço (dos Serviços Técnicos da Junta Distrital), realizou-se, no ginásio do Liceu Nacional desta cidade, uma reunião, em que estiveram presentes algumas centenas de trabalhadores.

No fim, e com a aprovação de todos os presentes, foi deliberado enviar telegramas ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e Ministro da Administração Interna, a informar da realização da reunião e respectivas conclusões e, ainda, a solicitar a nomeação urgente do Governador Civil do distrito.

Pela CÂMARA MUNICIPAL

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Aveiro aprovou, após votação secreta e por unanimidade, a passagem do sr. Eng.º Francisco Jorge Maçarico ao exercício das funções de Eng.º-Chefe dos Serviços de Urbanização e Obras do Município aveirense.

NOVO ESTABELECVIMENTO

No último dia do mês findo, abriram ao público, ao n.º 243 da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, nesta cidade, as novas instalações da Chapelaria e Camisaria Costa, importante e moderníssimo estabelecimento de que é proprietário o conceituado comerciante aveirense sr. Luís Gomes da Costa.

O VÔO DAS AVES

Quando andava à caça, no local denominado Gravato, na Ria de Aveiro, o sr. Dr. António dos Santos Valente, residente em Cacia, abateu um pato, portador de uma anilha, com a seguinte inscrição: «Museo Ciências Madrid (6)-Spain de 12067».

Pela UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Foi recentemente nomeado Administrador da Universidade de Aveiro o sr. Dr. Rui Henrique Galiano Barata Pinto que, em data próxima, entrará no exercício daquelas funções.

CURSO DE EXTENSÃO AGRÍCOLA

Na povoação suburbana de Eixo, vai realizar-se, brevemente, um Curso de Extensão Agrícola, orientado por técnicos da Brigada Agrícola desta cidade, o qual funcionará no primeiro andar de um prédio sito na Rua de Avelino de Figueiredo daquela localidade, alugado, para o efeito, pela Junta de Freguesia, à qual a iniciativa mereceu os maiores encómios.

O número de inscrições é já bastante elevado.

REUNIÃO ROTÁRIA

Na penúltima segunda-feira, realizou-se, no Hotel Imperial, a costumada reunião semanal do Rotary Clube de Aveiro.

Durante aquele convívio, foram abordados, entre outros assuntos, o relacionado com o auxílio a prestar aos «Bombeiros do Distrito de Aveiro».

COMISSÃO VENATÓRIA

O Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, sr. Dr. Flávio Sardo, convocou, para o próximo dia 13, pelas 11 horas, para a sala de sessões da Edilidade aveirense, os caçadores inscritos para a eleição de três caçadores efectivos e de um suplente, que farão parte, conjuntamente com o representante da agricultura, da Comissão Venatória Concelhia.

FESTAS TRADICIONAIS

● Iniciam-se hoje, sábado, 5, e prolongam-se até segunda-feira próxima, 7, as tradicionais festividades em honra da Nossa Senhora das Areias, em S. Jacinto, com o seguinte programa: dia 5 (sábado) — às 8 horas, uma salva de 21 tiros anunciará os festejos; dia 6 (domingo) — às 8 horas, alvorada, com uma salva de 21 tiros; às 10 horas, missa solene, seguida de sermão e procissão, que percorrerá as ruas da freguesia, com a participação da Banda de Eixo e de uma fanfarra de Bombeiros; às 17 horas, início do arraial, que se prolongará até de madrugada, abrilhantado pela Banda de Eixo e por um rancho folclórico; dia 7 (segunda-feira) — às 8 horas, salva de 21 tiros; às 9 horas, uma banda de música dará à costumada volta à freguesia, para reacolha de donativos; às 15 horas, entrega do ramo aos novos mordomos, com a colaboração de uma banda de música; às 22 horas, encerramento das festas, com uma sessão de fogo de artifício.

● Também neste fim-de-semana, em Verdemilho, se realizam as festas em honra de Nossa Senhora da Lomba, com um vasto programa religioso.

Os festejos serão abrilhantados pela Banda de Pinheiro e pelos conjuntos musicais «Os Pavões», «Faraós», «Central Orquestra» e «Otagod».. Haverá, ainda, dois arraiais nocturnos, com a participação de vários artistas da Rádio e Televisão.

COMARCA DE AVEIRO

1.º Juízo

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que, pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria adiante referida, correm éditos de vinte dias, contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio no competente periódico, citando os credores desconhecidos do executado JOSÉ DA COSTA MOITA, viúvo, comerciante, da Couraça de Lisboa — Coimbra, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por José Ferreira dos Santos e mulher, da Murta — Oliveira do Bairro.

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente afixado.

Aveiro, 1 de Outubro de 1974.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Manuel Rodrigues*

O CHEFE DA 2.ª SECÇÃO,

a) *João Gabriel Patrício*

LITORAL - Aveiro, 6/10/74 — N.º 1030

Artistas expõem

Continuação da última página

● No próximo sábado, 12, será igualmente inaugurada uma exposição de pintura de outro artista aveirense, no salão nobre do Grémio do Comércio: trata-se de Mário Mateus, um jovem que há já nove anos se encontra radicado em Luanda e que naquela cidade tem alcançado grande êxito com os seus trabalhos (em fins do ano findo foram vendidos 23 dos 25 quadros que expusera), um dos quais foi adquirido para o Museu de Angola.

As pinturas de Mário Mateus (paisagens, flores africanas, flores clássicas, natureza morta e motivos regionais) poderão ver-se naquele salão até ao dia 22 do corrente.

RETALHISTAS DE MERCEARIA

Cerca de uma dezena de retalhistas de mercearia desta cidade, dos 30 convidados para o efeito, reuniram no Grémio do Comércio, a fim de debaterem problemas de grande importância para a sua classe, mormente face à carência de meios da Previdência e à exiguidade das margens de comercialização.

Os problemas apresentados levaram os retalhistas a encararem a possibilidade de criação de uma associação de compras, tendo em vista a eliminação de intermediários. Para o efeito, foi decidido reunir, de novo, para discussão das bases em que poderá vir a reger-se a referida associação de compras.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

● **HOSPITAL DE AVEIRO**

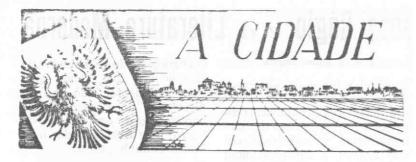
Foi-nos comunicado, telefonicamente, à hora de encerramento desta página, que a Comissão de Gestão e a Comissão Profissional do Hospital Distrital de Aveiro, de acordo com o respectivo pessoal, resolveram trabalhar em pleno, no próximo domingo, assim correspondendo ao apelo do Primeiro Ministro, sr. Brigadeiro Vasco Gonçalves.

● **METALURGIA CASAL, SARL**

Tivemos, igualmente, conhecimento de que na Metalurgia Casal, SARL, todas as suas secções funcionarão naquele dia e por idêntico motivo, sendo que a gerência daquela conceituada empresa se propõe fornecer, gratuitamente, o almoço aos seus numerosos funcionários.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AVEIRO

AVISO AO PÚBLICO

Correspondendo ao apelo de Sua Excelência o Primeiro Ministro, o pessoal destes Serviços Municipalizados resolveu trabalhar no próximo domingo, pelo que, nesse dia, estarão em pleno funcionamento todas as suas actividades.

SEDE DISTRITAL DO PPD

Conforme noticiámos oportunamente, foi inaugurada, na tarde do último sábado, ao n.º 248 da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, nesta cidade, a sede do Partido Popular Democrático, que funcionará, diariamente, das 15 às 20 e das 21 às 23 horas.

REUNIÃO DANÇANTE

Hoje, sábado, 5, dia de feriado nacional, a Banda Amizade promove um baile — *III Pop-Baile* —, na sua sede, nesta cidade, que terá a colaboração do conjunto musical «Amadeu Mota», de Bustos.

SESSÕES DIÁRIAS DE CINEMA

A experiência que realizou, de 1 de Dezembro do ano findo até 31 de Março do ano corrente, com a exibição diária de filmes, levou a gerência do Cine-Teatro Avenida a decidir a promoção, novamente, de sessões diárias de cinema naquela casa de espectáculos, mantendo-se as «matinées» aos sábados e aos domingos.

FALECERAM:

AUGUSTO ANTÓNIO DE CARVALHO

Na sua residência, na Rua de Vicente de Almeida d'Eça, em Esgueira, faleceu, no dia 27 de Setembro findo, com 84 anos de idade, o sr. Augusto António de Carvalho.

O saudoso extinto gozava de grande estima e era muito considerado por quantos o conheciam. Era pai das sr.as D. Georgina de Vasconcelos Carvalho e D. Maria Emília de Vasconcelos Carvalho Caetano, casada com o sr. Francisco Moreira Caetano, funcionário da Alfândega, e do sr. Lisandro António Vasconcelos e Carvalho, encarregado da *Agência Capela*.

O funeral realizou-se na tarde do dia seguinte, da sua residência para o cemitério local.

JOAQUIM DE PINHO

Com 72 anos de idade, faleceu, no Bairro de Sá, no dia 27 de Setembro último, o sr. Joaquim de Pinho, funcionário aposentado da Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

O extinto, pessoa muito conhecida na cidade, por suas virtudes e qualidades, deixa viúva a sr.ª D. Olívia Leite e era pai da sr.ª D. Rosa das Neves Pinho, casada com o sr. José Manuel Rocha Faria.

O funeral realizou-se no dia seguinte, da capela da Senhora da Alegria, para o Cemitério Sul.

D. ROSA DE JESUS GAMELAS

No dia 30 de Setembro último, faleceu, na sua residência, na Rua de António Rodrigues, nesta cidade, a sr.ª D. Rosa de Jesus Gamelas, proprietária do Restaurante Palhuça.

Contava 76 anos de idade e era pessoa que gozava de geral estima e consideração, não só na cidade, como por todo o País, por quantos a conheciam, particularmente pelos seus méritos profissionais na confecção de caldeiradas.

A saudosa extinta era mãe do sr. Alberto Gamelas das Neves.

O funeral realizou-se na tarde do dia imediato, após missa de corpo-presente na capela de S. Gonçalinho, para o Cemitério Sul.

MARIANO MARQUES DE ALMEIDA

Faleceu, no último dia de Setembro findo, com 65 anos de idade, o sr. Mariano Marques de Almeida que exercia as responsabilizantes funções de moleiro na Companhia Aveirense de Moagens.

O saudoso extinto, que era justificadamente estimado por quantos o conheciam e lhe reconheciam seus méritos e virtudes, era casado com a sr.ª D. Mécia Alice Robalo de Almeida; pai dos srs. António José Robalo de Almeida, Escrivão no Tribunal de Vagos, Adriano José Robalo de Almeida, funcionário da Empresa de Pesca de Aveiro, e Luís José Robalo de Almeida, que exerce idênticas funções profissionais de seu pai em Portalegre.

O funeral realizou-se na manhã do dia seguinte após missa de corpo-presente na igreja da Misericórdia, para o Cemitério Sul.

SPORT CLUBE BEIRA-MAR

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Sócios do Sport Clube Beira-Mar para as seguintes Assembleias-Gerais, a realizar na Sede Social:

a) — ELEITORAL: — No dia 8 do próximo mês de Outubro, das 20 às 23 horas, para eleição dos Corpos Gerentes para o biénio 1974-76 (Mesa da Assembleia-Geral, Direcção e Conselho-Fiscal);

b) — *EXTRAORDINÁRIA:* — No dia 11 do mesmo mês, pelas 21 horas, funcionando com qualquer número de Sócios 1 hora depois, a fim de se deliberar sobre o *aumento de quotas*.

Aveiro, 27 de Setembro de 1974.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL

a) *Fernando de Oliveira*

Uma notável comunicação do Presidente da A. F. de Aveiro

Continuação da penúltima página

futebol total — é o futebol do País inteiro. E eu sei e conheço bem, não com teoria, mas por prática, o sacrifício, o extraordinário sacrifício dos homens que dirigem os clubes pequenos. Eu sei o que representa de grande devoção à causa do futebol aqueles que dirigem os clubes e que fazem parte desta Associação, e, certamente de todas as outras associações pequenas. Consequentemente, neste momento, eu entendo que não podemos continuar a dirigir o futebol nestas condições.

O Secretário de Estado dos Desportos, numa última decisão que vi, através do comunicado feito à Imprensa pelo Sindicato dos Jogadores — parece querer levantar a pontinha do véu e dar, pelo menos, a possibilidade dos clubes pequenos viverem também. E seria, então de traçar a separação total e absoluta entre o futebol amador e o futebol profissional.

Porque, meus amigos, não há dúvida nenhuma — o futebol amador, integrado no Ministério da Educação e Cultura, é ainda Desporto, e eu estaria, e estarei sempre disposto a servi-lo. E é evidente que o futebol profissional, integrado no Ministério do Trabalho, já não é Desporto: é um espectáculo, é uma empresa, é uma exploração — e certamente que, como desportista que fui, e ao longo de trinta anos, não estaria, nem um minuto, disposto a servi-lo.

Parece-me, pois, que, com essa atitude, algo de novo irá surgir neste País. Embora eu, com o conhecimento que tenho das coisas do futebol, seja capaz de, também neste momento, dizer que ao País, ao profissionalismo no futebol, não serve também o profissionalismo tal como está. O profissionalismo capitalista não resolve problema nenhum do futebol nacional, quer ele seja amador, quer ele seja profissional.

Estas são razões remotas da minha partida. E, como sabem, houve razões imediatas. Essas razões imediatas residiram numa decisão tomada pelo Secretário de Estado dos Desportos.

É evidente que eu respeito a atitude que foi tomada por ele, e aceito-a. Simplesmente, exigia — e parece-me que era de exigir — que houvsse uma explicação correcta, uma explicação aceitável; essa explicação, por exemplo, podia residir num interesse de Estado, num grande interesse que haveria em não levantar hoje as massas alienadas do Sporting e do Benfica, enfim, que certamente reagiriam ao facto de eles terem de aceitar o alargamnto do Campeonato Nacional da I Divisão.

Mas, reparem, que quando eu defendi esse alargamento, defendi-o com dignidade, defendi-o com uma votação da maioria dos clubes da I Divisão Nacional — e eu não tinha culpa (e certamente todos aqueles que comigo o defenderam) que esses clubes tivessem mudado de opinião, depois de uma reunião que tiveram com o Sporting e com o Benfica. Provaram, mais uma vez, que, afinal, o futebol nacional não passa de uma forma bastante ignóbil de escravatura: os clubes pequenos são ainda e continuam a ser os escravos dos clubes grandes — o que não está certo, principalmente para aqueles que, como eu, falam do futebol, vivem o futebol, como nós o vivemos, homens dedicados aos clubes, sem interesses de ordem nenhuma, porque aí reside, talvez, a minha força.

É que todos aqueles que me atacaram, eu desafio-os a que eles possam provar: 1.º — que fui ou sou reaccionário; 2.º — que fui ou sou capitalista; e. 3.º — que fui ou sou arrangista. E talvez nem todos possam afirmar o mesmo...

Mas, até chegar a este ponto, que é para mim sumamente desagradável, de que eu me refira à Imprensa ou aos órgãos de informação com afirmações mais ou menos insinuantes, tentando, duma forma ou doutra, denegrir a própria Imprensa.

Ora isso é absolutamente mentira. E a prova evidente desta minha afirmação está neste facto, que todos vão conhecer. Na próxima reunião das associações, a Imprensa está presente (o que nunca aconteceu, através de todos os tempos do futebol) — e está presente, porque foi o delegado da A. F. de Aveiro que propôs que a Imprensa estivesse presente a essa reunião, que era nitidamente reservada às associações do País.

Portanto, é porque não teme e é porque deseja que a Imprensa conheça todos os problemas do futebol nacional. E eu não tenho medo, nem receio de que me possam desmentir, faça eu as afirmações que fizer. Mais: eu queria sair, eu queria ir-me embora — e vou, no fim da época.

Mas, acreditai, que se um dia o futebol precisar de mim, num estádio diferente, numa forma diferente de actuar, numa forma diferente de dirigir — eu estarei sempre disposto a dar o meu contributo, bem sei que modesto, mas, pelo menos, bem intencionado e poderoso, na minha forma de combate, porque eu não cedo perante pressões; grandes que elas sejam, não são capazes de vencer o meu entusiasmo e a minha dedicação aos clubes pequenos. Só porque dirigi, durante dez anos, um clube bem pequeno e conheço, vivendo e sofrendo, todas as dificuldades, todas as agruras, todos os sacrifícios que os homens que dirigem os clubes fazem para o bem nacional.

E o futebol nacional é o futebol de todos os clubes deste País — sejam eles grandes, ou pequenos — em igualdade de circunstâncias. Porque, ter um ou dois clubes milionários e com grandes jogadores, isso nada significa, no conceito internacional, do nosso poderio futebolístico.

Portanto, meus senhores, eu aproveito esta oportunidade para desejar que todos continuem a dar o seu esforço ao futebol, pelo menos alimentando a doce esperança de que, depois deste 25 de Abril, o futebol seja alguma coisa de diferente. E que se façam sacrifícios, mas sacrifícios para bem do Desporto — do Desporto, digo eu; mas que não se façam sacrifícios para bem dum espectáculo.

Nós somos desportistas, defendemos o Desporto. Os espectáculos que os defendam aqueles que têm interesses materiais, ou interesses de qualquer outra ordem a defender.

Portanto, meus senhores, eu vou terminar as minhas palavras — primeiro cumprimentando todos os presentes; e, depois, desejando, em nome da Associação de Futebol de Aveiro, que, realmente, o próximo campeonato, nesta época traga a todos a alegria e traga, principalmente, compensação para o seu sacrifício e para o seu trabalho.

O 'Terrível, Basílio

Continuação da última página

minha adolescência?! Quantas vezes juntámos duas e três mesas no «Zig-Zag» para tomar o nosso café em copo, após as refeições! Quantas vezes nos reunimos para farras em Mira, em Ílhavo ou na Assembleia da Barra! Quantas vezes nos defrontámos em enormes, renhidas, alegres e leais disputas de «snooker»! Quantas vezes jogámos matraquilhos na Feira de Março!... e tudo isto antes de começarmos a dispersar, cada um para seu lado, uns devido aos estudos, outros por causa desta maldita guerra que parecia não ter fim!

Pois, a partir de então, eu e o Rui Torres temos aproveitado algumas noites para conviver; para beber uns finos (por vezes não poucos, por que não dizê-lo?) ali no «Amazonas» — uma casa que aqui só não é conhecida por quem não gosta ou não pode beber cerveja e comer uns mariscos, uma casa onde nos sentimos aconchegados por clientela desinibida (e sequiosa, pois claro!).

Foi numa dessas noites, em que o meu amigo Rui me atirou «à queima-roupa»: «Sabes quem está em Luanda?... o Basílio Terrível!»; — dei um pulo da cadeira; fiquei-me nas tintas para o fino, pois perdi a sede; esqueci o meu e logo atónito amigo. Procurei contactar com o Basílio, telefonando, em seguida, para o hotel onde se encontrava hospedado; ingloriamente, claro, pois esse cagaréu, sozinho, isto é, sem a sua cara-metade, que ele esperava proveniente de Aveiro não podia estar metido num quarto de hotel a ler o vespertino e a fumar um cigarro... a menos que uma anomalia intestinal o afectasse a esse ponto!

Mas, nessa noite, acabei por desistir de o procurar; resignei-me a acordar o meu companheiro, da estupefacção em que se encontrava, e a convidá-lo para uma sessão de cinema. Creio, porém, que jurei a mim mesmo encontrar o Basílio, custasse o que custasse, o que veio a acontecer, logo no dia seguinte, e por casualidade; então, já ele estava «preso» (e de que maneira!).

Tivemos o nosso abraço e trocámos breves impressões, pois o momento era de pressa para ambas as partes e viémo-nos a reencontrar, à noite, no meu poiso costumado. Embora por pouco tempo, falámos de muitas coisas; dos «tintinhos» e petiscos no Zé Bissa e no Pina; dos finos que, ora um ora outro, pagávamos a jogar à moedinha no Tico-Tico ou no Augusto; das grandes partidas de bilhar no Maravilhas — onde o «Terrível» Basílio foi um dos meus mestres (se bem que os meus dotes bilharísticos não tenham atingido craveira por aí além) e onde, tantas vezes, fizemos uns «tachos» (nada de nos chamarem «tachistas» pois o negócio era outro...) em agradabilíssima camaradagem com velhos amigos como o Dr. Luís Regala, o Carlos Prudêncio, o João Regala, o Mendonça Lemos, os irmãos Mortágua e tantos outros, que acredito continuem a competir e esperando que regressemos para nos «esfolarem» e gozarem com a nossa tremenda falta de treino; falámos no nosso Beira-Mar, como não podia deixar de ser, e recordámos os tremoços e pevides que dividíamos e mastigávamos como pastilhas elásticas em cada jogo que víamos no «Mário Duarte», mais sob a tensão dos prélios do que pelo apetite, caminhando sorrateiramente para a «tasca» do Veiga, uns minutositos antes dos intervalos, para «molhar a goela»!

Mas foi curta a conversa para tão longo afastamento. O meu amigo Basílio tinha que levar a «bengala» ao teatro, antes de seguir para a sua fazenda de Quimbele, lá nos confins deste País imenso, junto à fronteira com a República do Zaire. Contudo, foi benéfico este encontro; fizemos uma perninha da nossa convivência aveirense; matámos juntos, mesmo assim, muitas saudades; e valeu a pena, pois, por aqui, encontrar um cagaréu é relativamente fácil, mas falar acaloradamente dos cagaréus... só revivendo um passado em comunhão!

CARLOS NEVES

José Régio *e a* Literatura Moderna

Continuação da última página

louvável esforço de objectividade. Mal conhecedor, creio, dos bastidores preliminares da *Presença*, quero dizer: das circunstâncias e ambiência em que nasceu a ideia de uma publicação que, depois» — diz José Régio, nota-se que diz José Régio, — «a *Presença* veio a ser, deixou na sombra esse período preparatório a que não assistiu, e certos nomes que nele influíram: por exemplo, o de Edmundo de Bettencourt, que, tendo querido, poderia ter sido um dos directores da *Presença*, que baptizou; o de António de Navarro; o de Abel Almada; o de Mário Coutinho, etc.».

Há, neste passo, considerações importantes, e, embora à primeira vista o não pareçam, procedentes, para um conceito presencista de *Modernismo* e a determinação de elementos de uma *Pré-Presença* modernista.

Afinal, o que é importante saber-se; afinal, o que não se lê bem em certas historietas do movimento da Presença, — *esforços louváveis* que se ficaram pela anedota, pelo traço gratuito, pela indefinição de cotornos, por uma informação de superfície.

JOSÉ DE MELO

TAIZÉ — RASGO DE ESPERANÇA

Continuação da última página

em Taizé, cultiva-se o silêncio em determinados momentos do dia. Dizia-me um estudante de Direito: «Olha Eu pouco ligo aos padres e às coisas da religião, mas fez-me bem ir, há momentos, à igreja da Reconciliação e estar ali um quarto de hora. Impressionou-me o silêncio dos numerosos jovens lá presentes, nas mais diversas posições. Eu próprio entrei dentro de mim...»

Em Taizé, de mãos dadas com o silêncio anda a oração. A juventude de hoje — quem o desconhece?! — já não vai em terços, jaculatórias, novenas, promessas... Para ela, toda a oração, que não seja compromisso com o Homem e Deus, cheira-lhe a bafio, a alienação, a cobardia. Ora, na Comunidade, cultiva-se a oração-compromisso-vida. Procura-se que Deus esteja metido nos homens e este nAquele. A oração alienatória dá, pois, lugar à verdadeira oração que vai de encontro às aspirações dos jovens.

Finalmente, na minha estada em Taizé, marcou-me o ambiente de alegria, esperança e ressurreição que ali se respirava. Vivemos num mundo cansado, que se sente vítima do seu próprio progresso e caminha quase sem saber para onde. Taizé aparece como um marco a anunciar que a alegria e a esperança são possíveis. Ali, o Cristo sofredor e morto (tanto apregoado pela Igreja que pretende ser libertadora) dá lugar ao Cristo ressuscitado, isto é, ao Cristo da alegria e da esperança.

Importa, no entanto, não transformar Taizé num mito. Seria erro crasso. Taizé é apenas uma amostra do que é possível fazer nas nossas famílias, fábricas, terras...

JOÃO HENRIQUES FIDALGO

Aconteceu *em* África

Continuação da última página

selho de administração de uma grande empresa, ao patego que vem de «vacanças», a um Onássis ou a um Pelé. Mas porque se aproximasse a hora da partida, importava resolver o problema prontamente. Meia dúzia de telefonemas e cento e tal mil réis de gorgetas (que, regra geral, tudo resolvem!) bastaram e sobejaram para que, no aeroporto de Lisboa, o zeloso funcionário encarregado da pesagem «fechasse os olhos» ao embrulho. Respirei fundo... Rezei três Avé-Marias... Dois Pai-Nossos, também... Uma Salvé-Raínha, ainda... Dei esmola ao ceguinho da viola que encontrei ao virar da primeira esquina... Chegado a Carmona, mandei chamar ao meu quarto do hotel o bem-falante Capitão Caldeira. E fiz-lhe sentir o abuso, a mentira, a aldrabice que me havia pedido: o embrulho devia pesar pelo menos oito quilos. Sem que o visse sequer, respondeu-me — com nojento à-vontade — ser impossível. Senti uns calafrios pela «espinha» acima e não lhe parti o nariz porque nunca fui quesilento! Então — e para evitar que os ânimos azedassem — entrámos no seguinte acordo: se o volume excedesse oito quilos , eu ficaria com ele. De contrário, dar-lho-ia, com as minhas antecipadas desculpas. O Capitão Caldeira concordou e procedeu-se à imediata pesagem, num manhoso super-mercado, que ficava em frente: Nove quilos e cem gramas pesava ele!!! A razão estava do meu lado e o embrulho pertencia-me. (Salvo se o Capitão «roesse a corda» do contrato feito. Mas neste caso, partir-lhe-ia mesmo a cara...). De qualquer modo, ambos mantínhamos idêntica curiosidade quanto ao seu enigmático conteúdo. E resolvemos abrí-lo: uma boneca (que até falava espanhol!). Mas o pior é o que vinha ainda para a «Ceia de Natal» do Caldeira, da mulher, da filha , da sopeira e dos amigos : avelãs, nozes, uvas, passas, um queijo da serra, chocolates, rebuçados, fruta cristalizada, um pacote de aletria, outro de pinhões, um bolo-rei, um bacalhau inteiro, uma garrafa de espumante rasca e... dois salpicões! Olhei para tudo. Ia eu passar o Natal sozinho... Aquilo «cheirando-me» a Natal, arrancou-me uma lágrima de saudade pela distância a que me encontrava do meu lar... Vi a família a milhares de quilómetros de mim... Raios partam a vida! E tudo entreguei ao Caldeira (às vezes tenho destas burrices!), excepto os salpicões. Os dois os comemos, no restaurante requintado do aeroporto de Carmona. Deliciosos, os melhores, talvez, que jamais saboreei. Que rica madrinha o «nosso Capitão» arranjou para a filha... Ainda bem que me armei em recoveiro...!

ARAÚJO E SÁ

Profilaxia da Cólera

AVISO

As medidas mais aconselháveis para evitar esta doença consistem na boa prática de regras simples de higiene individual, alimentar e colectiva, das quais passamos a descrever as principais :

1 — Lavagem cuidadosa das mãos com água e sabão antes de cada refeição e depois de utilizar as instalações sanitárias.

2 — No caso de não existirem instalações sanitárias ligadas a rede de esgotos e remoção diária de lixos, promover a desinfecção diária destes e das fezes.

3 — Utilizar como água de alimentação e preparação de alimentos somente aquela que oferecer garantias absolutas de potabilidade. Na falta de rede pública de distribuição de água, deve ferver-se esta previamente.

4 — A água utilizada para fins domésticos (lavagem de utensílios de cozinha, de roupa, etc.) deve igualmente ser potável. Na sua falta, empregá-la depois de fervida.

5 — Manter os alimentos, depois de cozinhados, devidamente resguardados de poeiras e moscas.

6 — O leite pasteurizado deve ser fervido.

7 — Evitar o consumo de gelo, gelados, bolos com creme, «maioneses», etc., particularmente nos dias quentes, desde que não sejam oriundos de instalações industriais oficialmente reconhecidas.

8 — Evitar tomar banhos em rios ou em praias situadas nas proximidades de esgotos ou em piscinas que não tenham renovação e desinfecção de água.

9 — Evitar o consumo de frutas, vegetais e outros alimentos que habitualmente são ingeridos crus.

10 — Não utilizar as águas sujas, de fossas ou de rede de esgotos, na rega de hortas.

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

REGISTO DA ZONA NORTE

Resultados da 4.ª jornada

Jogo	Resultado
U. Coimbra — OLIVEIRENSE	1-1
Paços Ferreira — Tirsense	4-1
Penafiel — Régua	0-0
Varzim — Riopele	2-1
Braga — FEIRENSE	3-0
Fafe — LUSITANIA	1-0
Famalicão — BEIRA-MAR	1-0
SANJOANENSE — Salgueiros	2-1
Chaves — Vilanovense	0-0
Gil Vicente — ALBA	3-0

Próxima jornada — HOJE

U. Coimbra — Paços Ferreira
Tirsense — Penafiel
Régua — Varzim
Riopele — Braga
FEIRENSE — Fafe
LUSITANIA — Famalicão
BEIRA-MAR — SANJOANENSE
Salgueiros — Chaves
Vilanovense — Gil Vicente
OLIVEIRENSE — ALBA

Tabela classificativa

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
SANJOANEN.	4	2	2	0	8-3	6
P. Ferreira	4	2	2	0	10-5	6
Famalicão	4	3	0	1	5-3	6
Varzim	4	2	2	0	6-4	5
U. Coimbra	4	2	1	1	5-2	5
BEIRA-MAR	4	2	1	1	7-3	5
OLIVEIREN.	4	1	3	0	5-4	5
Braga	4	1	2	1	3-2	4
Vilanovense	4	1	2	1	4-3	4
Chaves	4	1	2	1	3-3	4
Régua	4	1	2	1	4-6	4
ALBA	4	2	0	2	5-8	4
Gil Vicente	4	1	1	2	5-4	3
Penafiel	4	1	1	2	5-4	3
LUSITANIA	4	1	1	2	1-2	3
Tirsense	4	1	1	2	3-6	3
Fafe	4	1	1	2	2-7	3
Salgueiros	4	0	2	2	2-5	2
Riopele	4	1	0	3	3-6	2
FEIRENSE	4	0	2	2	3-9	2

UMA NOTÁVEL COMUNICAÇÃO do PRESIDENTE da A. F. de AVEIRO

COMO tivemos ensejo de noticiar, o ilustre Presidente da Direcção da Associação de Futebol de Aveiro, Eng.º Carlos Rodrigues, fez importante comunicação à Imprensa e aos delegados dos clubes presentes na sede da A. F. A., na penúltima quarta-feira, quando se procedeu ao sorteio dos jogos do Campeonato Distrital da I Divisão.

Hoje, e como prometemos no número do LITORAL da semana finda, damos à estampa o texto daquela comunicação, feita de improviso, e frequentes vezes interrompida por aplausos dos dirigentes dos clubes aveirenses. Inserimos, também, nesta página, a carta subscrita pelo Presidente da Assembleia Geral da A.F.A., Dr. Artur Alves Moreira, datada de 7/Setembro/74, a que o Eng.º Carlos Rodrigues aludiu, nas suas palavras — uma vez que entendemos constituir, essa carta, peça de interesse para completa história do pedido de demissão feito pelo Presidente da Direcção da A.F.A. (cf. LITORAL, n.º 1026, de 7/Setembro/74).

Portanto, e sem mais delongas, as transcrições referidas:

Meus Senhores:

Como sabem, eu anunciei, no princípio desta época, que me retiraria do futebol, logo que ela acabasse.

É evidente que, por motivos que todos conhecem certamente (e uns podem dar-me razão, outros não — mas isso não me interessa), eu fui obrigado, por uma questão de dignidade e por uma questão de entendimento, a pedir a minha demissão.

Dirigi ao presidente da Assembleia Geral da Associação de Futebol de Aveiro uma carta de que, com certeza, alguns de V. Exas. têm conhecimento, em que pedia a minha demissão, a partir do último dia do mês de Agosto.

Essa demissão, porém, não foi aceite. E não foi aceite, com uma argumentação que, é óbvio, pode, na sua totalidade, não me convencer. Mas, simplesmente eu, por uma questão de princípio e pela minha própria maneira de ser, resolvi reconsiderar e acedi ao pedido que me é feito, tanto mais que me foi posta uma questão para mim grave — que eu arrastaria, com a minha atitude, toda a Associação ou, pelo menos, a sua Direcção e a Assembleia Geral.

Ora, compreendem que quando faltam só um ou dois meses para acabar o meu mandato, não seria justo (a não ser por razões muito especiais — e talvez estas até fossem...) que eu me afastasse da Presidência da Associação de Futebol de Aveiro. Portanto, aceitei. Sempre existiu uma compreensão perfeita, um entendimento até soberbo, nas relações com os restantes elementos que constituem os Corpos Gerentes da A. F. de Aveiro; e eu entendi que deveria estar cá até ao fim deste mandato.

Principalmente, porque, além dessa camaradagem, me é posto o problema do Cinquentenário da Associação. Nós temos de realizar alguns actos solenes — e diz o Presidente da Assembleia Geral que esse actos não teriam o seu verdadeiro significado se eu não estivesse presente.

É claro que eu sei — e não por uma questão de vaidade — que a minha presença nessas cerimónias teria algum significado. E não porque eu seja um elemento imprescindível da A. F. de Aveiro, tanto mais que, para mim, não há homens insubstituíveis, em lugares nenhuns. Mas, unicamente, porque já que tudo se ia programando, enfim, através da minha acção, em colaboração com todos esses elementos, não seria justo que, nessa altura, eu me retirasse, deixando a responsabilidade total dessas comemorações e doutras aos restantes membros da Direcção da A. F. de Aveiro.

Portanto, eu acedi em ficar até ao fim deste mandato. É verdade que têm sido exercidas sobre mim pressões para que continuasse — mas eu não continuo, por muitas razões. Aliás, estão ainda de pé aquelas que afirmei, no princípio desta época — e são, afinal, as condições que eu realmente pus na minha carta de despedida.

É que eu não posso aceitar que o futebol pequeno, o futebol dos clubes que lutam com dificuldades imensas, esteja sujeito a uma protecção especial aos grandes clubes do nosso País. É evidente que, para mim, eu entendo que o futebol nacional não é o Benfica, nem o Sporting — pese a grande categoria e o grande reflexo que esses clubes têm, através de todas as suas manifestações desportivas.

O futebol nacional, para mim, é o

Continua na página 5

CARTA do PRESIDENTE da ASSEMBLEIA GERAL da A. F. de AVEIRO

Senhor Engenheiro Carlos Rodrigues

Recebi, com data de 31 de Agosto último, uma carta em que V. Exa. me comunicava considerar-se demitido a partir dessa data.

Teve V. Exa. a gentileza de me informar das razões imediatas e remota que o levaram a tomar tal atitude, razões essas que se continham nas oportunas e judiciosas apreciações a factos recentes que em nada prestigiam o futebol nacional.

Mas, apesar do teor e fundamento de tal pedido, e considerando:

1.º — Que V. Exa., com aceitação plena de seus ilustres colaboradores da Direcção da Associação de Futebol de Aveiro, tem sabido honrar e dignificar o espinhoso cargo para que foi eleito segundo as mais sãs normas democráticas que devem reger as Instituições;

2.º — Que a saída de V. Exa. da Presidência da Associação de Aveiro, traria como consequência imediata, o abandono de todos os outros membros da Direcção, que solidariamente estão com V. Exa desde a primeira hora;

3.º — Que todos os Clubes que fazem parte da Associação de Futebol de Aveiro, sentiriam a saída do seu mais preclaro representante a todos os escalões com perda irreparável, como se conclui das inequívocas manifestações de solidariedade já demonstradas através de mensagens bem expressivas;

4.º — Que a data jubilar do 50.º aniversário da Associação de Futebol de Aveiro, que encerra este ano — e que nunca será demais enaltecer devidamente —, deixaria de ter o significado que se lhe pretende dar, se desse júbilo não compartilhasse o seu mais legítimo representante e acérrimo defensor dos seus mais justos anseios;

5.º — Que mais pobre ficaria a Associação por lhe faltar a voz da verdade no momento justo e no local próprio, na conjuntura desportiva do futebol nacional, a necessitar, cada vez, mais de presenças corajosas e de homens de têmpera de V. Exa.;

Informo V. Exa. de que não aceito, para bem do Desporto, e em particular do futubol, o pedido de demissão que me apresentou, na certeza de que, assim procedendo, pratico um acto com que só o Desporto Aveirense e Nacional terá a ganhar.

Agradeço e retribuo os amáveis cumprimentos de V. Exa. com muita consideração e estima.

O Presidente da Assembleia da Associação de Futebol de Aveiro

a) Artur Alves Moreira

AVEIRO NAS PROVAS FEDERATIVAS

● NACIONAL DA I DIVISÃO

Resultados da 4.ª jornada

Jogo	Resultado
Leixões — Benfica	1-2
Boavista — Farense	1-1
ESPINHO — U. Tomar	2-1
C.U.F. — Atlético	2-2
Oriental — V. Setúbal	0-1
Sporting — V. Guimarães	2-3
Belenenses — Porto	2-2
Olhanense — Académico	3-1

Somando agora quatro pontos, o Sporting de Espinho partilha o oitavo lugar com o Atlético. Na quinta jornada e em desafio a disputar hoje, os espinhenses deslocam-se ao Algarve, para defrontarem o Farense.

● TAÇA DE PORTUGAL

No domingo, em paragem do Nacional da III Divisão, disputou-se a primeira eliminatória da «Taça de Portugal» — apenas com clubes daquele escalão, e em jogos numa única «mão».

Os oito clubes da A. F. Aveiro, ficaram desde este **round**, reduzidos a metade, sendo eliminados União de Lamas, Recreio de Águeda e Oliveira do Bairro (todos em campos dos respectivos adversários) e Anadia (no seu ambiente). Prosseguem na prova as turmas do Cucujães (vencedora extra-muros) e da Ovarense, Paços de Brandão e Valecambrense (vitoriosas «em casa»).

Eis os resultados:

Bragança — LAMAS, 2-0. PAÇOS DE BRANDÃO — Avintes, 3-2. OVARENSE — Lousanense, 2-1. ANADIA — Gouveia, 2-3. Guarda — OLIVEIRA DO BAIRRO, 3-2. Penalva do Castelo — RECREIO DE ÁGUEDA, 3-2. Lusitano de Vildemoinhos — CUCUJAES, 1-3. VALECAMBRENSE — Febres, 2-1.

● FUTEBOL

FAMALICÃO, 1 BEIRA-MAR, 0

Jogo no Campo dos Bargos, em Famalicão, sob arbitragem do sr. Armando Paraty, coadjuvado pelos srs. Armando Faria (bancada) e José Guedes (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

As equipas:

FAMALICÃO — Matos; Gualter, Martinho, Carlos e Simão; Vítor Gomes (Albino, aos 84 m.) Vasco e Silva (Leonardo, aos 65 m.); Reinaldo, Ventura e Costa Almeida.

BEIRA-MAR — Domingos, Zé Marques, Inguila, Soares e Severino; José Júlio, Cândido (Quim, aos 81 m.) e Rodrigo; Jorge, Edson e Almeida.

Já perto do final, e quando ganhava vulto a ideia do empate a zero — desfecho que seria o mais ajustado para solucionar o desafio —, o Beira-Mar viu-se derrotado, em consequência de «penalty»-fantasma... Havia 75 minutos e, em jogada dentro da área, com o árbitro (dentro do lance) nada assinalando, surgiu a **inventar** pretensa falta de José Júlio — uma mão inexistente, de que nasceu o castigo máximo, vitoriosamente convertido em golo por Costa Almeida.

Desolador e lamentável, sem dúvida, o procedimento do sr. Armando Paraty, cujo caseirismo, bem patente neste lance crucial, desvirtuou a realidade do prélio — uma vez que, embora os famalicences tivessem atacado mais, o seu domínio resultou de intencional plano posto em prática pelos beiramarenses, que souberam defender-se de modo superior e brilhante, para, depois, lançarem os seus contra-ataques. Com o que não contavam, os auri-negros, era com o já referido «penalty»-fantasma...

Foram advertidos, com «cartão-amarelo», os beiramarenses Cândido (50 m.) e Soares (80 m.).

● BASQUETEBOL ●

CAMPEONATO DE AVEIRO DE JÚNIORES

Resultados da 1.ª jornada

Jogo	Resultado
Beira-Mar — Galitos	67-46
Cucujães — Ovarense	34-42
Illiabum — Esgueira	57-18

Jogos para esta tarde

Esgueira — Sangalhos
Ovarense — Illiabum
Galitos — Cucujães

BEIRA-MAR, 67 GALITOS, 46

Jogo no Pavilhão do Beira-Mar, sob arbitragem do sr. Narsindo Vagos.

Alinharam e Marcaram:

BEIRA-MAR — Beto Marques, Rosa Santos (6-8), Mendes (4-4), Luís (6-2), Gamelas (14-13), Pedro Ferreira (0-6), Mata (0-4) e Mário Costa.

GALITOS — Pedro Vasco, Quim Pereira (6-2), Calita (1-8), Ribeiro (2-4), Leonel (6-0), Beto Souto (4-10), Ravara (0-3), Moreira, Soares Silva e Freire.

1.ª parte: 30-19. 2.ª parte: 37-27.

Partida interessante, embora as duas turmas denotassem falta de treinos. Os beiramarenses venceram, de modo convincente — aceitando-se o desnível final de 21 pontos, que poderia, mesmo, ter acusado maior expressão.

Arbitragem bem conduzida e imparcial: Narsindo Vagos teve apenas ligueiras falhas e de somenos importância, sem interferência no desenrolar do jogo.

MELHORAMENTOS NO PAVILHÃO do BEIRA-MAR

Na tarde de sábado, no desafio de juniores Beira-Mar — — Galitos (do Campeonato de Aveiro de Basquetebol), funcionou, pela primeira vez, o marcador electónico do Pavilhão do Beira-Mar — importante melhoramento que grandemente valoriza o excelente recinto, colocando-o ao nível (neste particular do que de melhor existe, tanto no País, como lá fora.

Parabéns, portanto, para o Beira-Mar.

Sumário Distrital

Júniores — I Divisão

Resultados da 2.ª jornada

Jogo	Resultado
Valonguense — Lamas	0-3
Arrifanense — Recreio	4-1
Avanca — S. Roque	0-2
Mealhada — Estarreja	3-0
Gafanha — Bustelo	3-1
Cortegaça — Lusitânia	1-1

As turmas do Lamas, Mealhada e S. Roque (todas com o máximo de pontos) seguem no comando.

Esta tarde, teremos os seguintes desafios: Valonguense — Arrifanense, Recreio — Avanca, S. Roque — Mealhada, Estarreja — Gafanha, Bustelo — Cortegaça e Lamas — Lusitânia.

Juvenis

Zona A — 1.ª jornada

Jogo	Resultado
Sanjoanense — Arrifanense	1-3
Lusitânia — Esmoriz	1-2
Feirense — Paços de Brandão	2-2
Lamas — Espinho	2-1

Zona B — 3.ª jornada

Jogo	Resultado
Fiães — Cucujães	1-0
Avanca — S. Roque	1-0
Arouca — Bustelo	2-0
Valecambrense — Ovarense	0-5

Zona C — 1.ª jornada

Jogo	Resultado
Gafanha — Recreio	1-2
Macinhatense — Alba	1-1
Anadia — Oliveira do Bairro	0-0
Estarreja — Beira-Mar	1-1

O seguimento desta prova sofreu alterações, dado que deixou de haver jornadas às quartas feiras (na Zona B) e dado que, amanhã, domingo, não teremos desafios de qualquer das zonas, transferindo-se para o dia 13 os jogos calendariados para 6 (zonas A e C) e para 2 (zona B).

Jogos de Competência

Inicialmente marcado para amanhã, dia 6, o primeiro dos desafios de competência (para apuramento da equipa que ocupará a vaga da Corfi-Cotesi na I Divisão) foi antecipado para hoje, à tarde, realizando-se em Oliveira de Azeméis. Defrontam-se o F. C. Pinheirense e o G. D. Gafanha.

● HÓQUEI EM PATINS ●

II CURSO DE TREINADORES

De harmonia com as determinações da Federação Portuguesa de Patinagem, a Associação de Patinagem de Aveiro vai organizar o seu II Curso de Treinadores de Hóquei em Patins — encontrando-se abertas inscrições para a respectiva frequência até 10 de Outubro.

LOUVORES da A. P. AVEIRO

Oo terminar a época de 1974, a Associação de Patinagem de Aveiro concedeu louvores a diversos desportistas — Manuel Moreira (Oleiros), Jorge Silva (Sanjoanense), Lima Azevedo (Ovarense), Prof. António Costeira (Oliveirense), Manuel Alves (Alba), Manuel Alegre (Anadia) e José Paulo Rosmaninho e Eládio Cruz (Curia) — pela valiosíssima calaboração que todos prestaram, durante pelo menos as duas últimas épocas, no hóquei em patins do nosso Distrito.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 6 DO «TOTOBOLA»

13 de Outubro de 1974

N.º	Jogo	Prognóstico
1	Espinho — Leixões	1
2	C.U.F. — Farense	1
3	Oriental — U. Tomar	1
4	Sporting — Atlético	1
5	Belenenses — Setúbal	1
6	Olhanense — Guimarães	X
7	Académico — Porto	1
8	Ascoli — Torino	X
9	Fiorentina — Bolonha	1
10	Inter — Cagliari	1
11	Juventus — Milan	2
12	Lanerossi — Lázio	X
13	Roma — Nápoles	1

● CICLISMO ●

COMPETIÇÕES da A. C. AVEIRO

Antes da última prova a contar para os troféus «Antracol» e «Argibetão» — competições destinadas a galardoar os ciclistas mais regulares ao longo da época, em corridas organizadas pela Associação de Ciclismo de Aveiro —, as respectivas classificações encontravam-se assim ordenadas:

Troféu «Antracol»

1.º — Rui Azevedo, 66 pontos, 2.º — Manuel Freitas, 63. 3.º — Manuel António, 43. 4.º — Carlos Conceição, 43. 5.º — Paulo Marques, 36.

Trofeu «Argibetão»

1.º — Fernando Vasco, 71 pontos. 2.º — Herculano Silva, 68. 3.º — Amilcar Lopes, 47. 4.º — Hermes Pereira, 34. 5.º — Leonel Ferreira, 21.

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

ARAÚJO E SÁ

ACONTECEU *em* ÁFRICA

39. OS SALPICÕES DO CALDEIRA

PERIPÉCIAS DE UMA COMISSÃO MILITAR

O Caldeira era, «por acaso», Capitão. Na verdade, se não fora a guerra do Ultramar, continuaria, feliz da vida, funcionário de um Banco em Lisboa. Conhecemo-nos, por acaso também, em Carmona, ambos sujeitos à mesma maldita sina, ambos fardados, ambos militares de «improviso», ambos atirados para o Norte Angolano, ambos vivendo as andanças inevitáveis da guerra. De qualquer modo — militarmente falando — nunca tivemos pontos de contacto ou parecenças de qualquer natureza. Antes pelo contrário: eu continuei a manter a minha paisanice habitual e a ser o «senhor doutor»; ele viu subir-lhe à cabeça a militança e passou a ser tratado por «nosso Capitão». De qualquer modo, entre nós não houve atritos de espécie alguma. Cada um tratava da sua vida. Eu passava os dias, de bata vestida, no Hospital; ele arregaçava, logo de manhã, as mangas da camisa para assinar milhar e meio de papéis, na Repartição que lhe estava confiada no Comando da Zona Militar Norte. Se bem que nos não ligassem laços de amizade que o justificasse, o certo é que, sabendo que eu viria à Metrópole por alturas do S. Martinho de 1972, nem por isso deixou de se abeirar de mim com uma cantilena estudada, uma lamúria e uma lenga-lenga tais, que lhe não pude resistir:

— A madrinha da filha estava em Lisboa; comprara-lhe uma linda boneca, que até falava espanhol; a boneca destinava-se ao sapatinho de Natal da filha; se eu, de Lisboa, lha trazia no regresso a África; seria um pequeno embrulho, fácil de transportar; ficar-me-ia muito grato; quanto à filha, essa pularia de contente.

Enfim, o «choradinho» do costume, o jeito habitual de todo aquele que se vale da arte e da manha de saber pedir, o discurso do aldrabão vendedor de «banha de cobra», o paleio decorado que anda na boca dos atrevidos e dos sem-vergonha. Se bem que os vinte quilos de bagagem permitidos pelos TAP estivessem mais do que preenchidos, mesmo assim, acedi a transportar a boneca bem falante que a madrinha da filha do Caldeira havia comprado para o sapatinho de Natal da afilhada.

E combinado ficou que a boneca fosse deixada em Lisboa, em casa de meu irmão Juiz, o que na realidade aconteceu. Apenas com a abusiva e insólita agravante de que, no dia do meu regresso a Angola, meu irmão, impávido e sereno, me entregou um embrulho que a Senhora Dona Fulana de Tal havia deixado para que eu o fizesse chegar às mãos do Excelentíssimo Senhor Capitão Caldeira, conforme promessa que tinha feito. Ao vê-lo, encostei-me às paredes para não cair redondo no chão! Não desmaiei, por acaso! Aquilo não era uma boneca... Não era de certeza! Talvez — isso sim — um porco inteiro..., uma perna de boi..., um fardo de bacalhau..., um saco de batatas..., um bidon de azeite..., um pipo de vinho... Mas uma boneca — não era! Derreado fiquei — até os «ossos» da coluna vertebral «estalaram» — ao pegar-lhe, tanto o peso! Ai no que eu estava metido! Sim, eu, que me havia negado a levar uns ovos moles de Aveiro, para uma prima de minha mulher, residente em Luanda, uns carros de linha côr de azeitona de Elvas, para pregar botões da camisa da farda, uns maços de «Português Suave», que fumo desde os meus tempos remotos do liceu, cartas amigas do Dr. Vaz Craveiro, uns sapatos de verniz, que restam da minha indumentária de casamento, e uma garrafa de velhíssimo cognac francês, que um cliente me trouxera a casa na véspera da partiga, e que tanto jeito em África me faria em maré de achaque palúdico. Tudo isto por cá ficou, pois receei as costumadas complicações alfandegárias resultantes do excesso de peso da bagagem. Além do mais, evito os sarilhos, respeito o que está regulamentado, repudio a transgressão, som um tacanho a pedir algo para mim. Inconcebível que meu irmão tivesse aceite o descomunal embrulho da excelentíssima madrinha da risonha filha do Capitão Caldeira, que não tivesse mandado prender a Senhora (ele até era Sub-Director da Polícia Judiciária de Lisboa), que lhe não tenha reservado uma cela, posto a pão e água durante uma semana inteira, chamado saloia, descarada, sem vergonha, atrevida, patega, estúpida, ignorante. Pessoa civilizada, madrinha, até, da filha de um senhor Capitão, não deveria ignorar que nos TAP o peso é controlado, não se podendo transportar aquilo que se leva debaixo do braço, à cabeça, ou no regaço quando se vai à romaria de lenço, chaile, saia rodada, chinelos, avental e fio de oiro ao pescoço. O tacho de arroz de frango, a panela com sopa de feijão vermelho, as postas de bacalhau frito, a caçoila da chanfana, o garrafão com parreirol, o melão de casca de carvalho, as travessas de aletria e o casqueiro de trigo não têm assento nos maples estofados de um boeing dos TAP. Nestes, pouco mais é permitido do que a escova dos dentes, a máquina para escanhoar a barba, o lenço para o ranho, o maço de tabaco, o isqueiro e o jornal. O transporte do restante custa rios de dinheiro, uma fortuna, só é acessível ao presidente do con-

Continua na página 6

JOSÉ RÉGIO *e a* LITERATURA MODERNA

JOSÉ DE MELO

JOSÉ Régio aborda várias vezes a questão do Modernismo e do Moderno da *literatura modernista* e da *literatura moderna*, em livros, em jornais e revistas, na *Presença*, na sua dissertação de licenciatura apresentada à Faculdde de Letras da Universidade de Coimbra. Em resposta a uma entrevista ao *Jornal de Notícias*, e tendo-lhe sido perguntado qual a importância da nossa literatura moderna na história literária de Portugal, considera que a nossa *literatura moderna* poderá começar, para alguns, com a *geração de 70*; para outros, com o aparecimento de *Orpheu*, *Contemporânea*, *Presença* e outras publicações tidas por *modernistas*. A expressão é equívoca, — pois até se não sabe por quem serão tidas por tal, — mas não repelirá a qualificação de *modernista* para a *Presença*. E a outra pergunta, («Qual o papel da *Presença* no movimento modernista?»), responde: «O papel da *Presença* no movimento modernista é, sobretudo, um duplo papel de divulgação e consciencialização crítica». Terá sido a *Presença* «que mais persistentemente divulgou em Portugal os grandes nomes da literatura europeia moderna... e modernista». Terá sido nela que «melhor se revelaram, ou principiaram a revelar-se, nomes que depois seriam capitais no movimento modernista português».

Mas *depois? Depois*, — quando? Por terem sido, ou por virem a ser, ou por serem reconhecidos como tal, ali? Ou que *modernistas?*

José Régio, no entanto, prossegue: «E foi nas suas páginas que o modernismo português ensaiou os seus primeiros tentames de autocompreensão e consciencialização, como de compreensão do modernismo europeu».

Aqui, haverá que perguntar-se que *modernismo europeu*, — o que mais se impõe, aliás, pelo facto de José Régio hesitar em decidir-se pelas expressões *moderna* e *modernista*, referindo-se à literatura europeia que a Presença divulgou. A *Presença*, todavia, terá tido um duplo papel no *movimento modernista*: o de *divulgação* e de *consciencialização crítica*.

A *Presença* não terá nascido da ideia de uma *publicação modernista* e, diga-se já, uma publicação modernista que não chegou a sê-lo, isto é, a ser *modernista*, a ajuizar do que esperariam alguns companheiros de José Régio? O próprio Régio confirma que houve a ideia de uma publicação modernista, quando, a propósito do livro *História do Movimento da Presença*, de João Gaspar Simões, observa na entrevista a que fizemos referência: «...penso que, como ele próprio sugeriu, João Gaspar Simões antes pretendeu dar-nos uma história anedótica, — pequena história, — da *Presença*, do que definir rigorosamente a sua actividade. Nisso empenhou um

Continua na página 6

94.º Aniversário dos BOMBEIROS DA VISTA ALEGRE

O Corpo de Bombeiros Privativo da Fábrica da Vista Alegre — a mais antiga corporação dos Bombeiros do Distrito de Aveiro — conta 94 anos de operosa vivência, e iniciou, em 1 do corrente, as cerimónias comemorativas do seu glorioso aniversário, com hasteamento de bandeiras perante formatura do Corpo Activo, seguido de missa de sufrágio, por intenção dos seus falecidos elementos, piedoso acto que teve lugar na capela de Nossa Senhora da Penha de França, monumento nacional e propriedade da importante empresa fabril.

Os actos previstos para 6 foram adiados para 13, em vista de ter sido designado o domingo de amanhã como dia de trabalho; será, assim, em 13, segundo domingo deste mês, que se continuarão os actos comemorativos, para esse dia assim programados: depois do hasteamento de bandeiras e imposição de capacetes e machados a novos bombeiros e de medalhas a diversos outros elementos (às 9 horas), de romagem ao Cemitério Municipal (às 9.30 h.) e de missa de acção-de-graças (às 11 h.), serão aguardadas as corporações convidadas (às 14.30), havendo desfile (às 15.30), benção e inauguração do novo quartel (às 16.30), seguindo-se uma sessão solene.

TAIZÉ — RASGO DE ESPERANÇA

JOÃO HENRIQUES FIDALGO

«Por que viemos a Taizé?» foi uma das perguntas postas à reflexão do meu grupo de trabalho, aquando da abertura do Concílio.

Deixo, aqui, uma ou outra resposta das que me ficaram na memória:

— «O Deus, que os meus pais, catequistas e professores me deram na infância, é um Deus falso. Por isso, venho cá tentar descobrir o verdadeiro Deus que penso ser o Deus comum à maioria destes jovens».

— «Noto, em mim próprio e nos colegas que comigo estudam, uma vida sem sentido, um constante perguntar: **Para que vivo?** e, por conseguinte, um certo desespero. Conto encontrar, em Taizé, no contacto com esta gente nova, um pouco de alegria e esperança para mim próprio e também para eu as poder comunicar, no dia-a-dia, aos meus companheiros de estudo».

— «Venho aqui buscar o amor na compreensão que não encontro à minha volta: na minha família, na minha escola, na minha terra».

— «Na nossa sociedade, reina um determinado conceito de **normalidade. Isto é normal, aquilo é anormal** — costumamos afirmar, de vez em quando. Ora, quero ver, no convívio e conversas com estes rapazes e raparigas, até que ponto este conceito de **normalidade** está certo. Não será que, muitas vezes, aquilo que a nossa sociedade acha normal seja anormal e vice-versa?!»

Esta, uma minúscula amostra das razões que levaram perto de quarenta mil jovens a Taizé.

Na verdade, a esmagadora maioria não foi ali por turismo. Nem para assistir a um espectáculo mais ou menos de cariz religioso. Nem participar numa espécie de festival.

Diversas pessoas têm-me abordado a fim de saberem as minhas impressões sobre Taizé, bem como sobre a abertura do Concílio.

Embora três dias — tantos quantos lá permaneci — fossem mais do que insuficientes para se «saborear» Taizé, servindo, quando muito, para «aguçar o apetite» de ali voltar com mais tempo e calma, alguns factos marcaram o meu espírito: a presença de tão grande número de jovens, o modo de organização da vida quotidiana, o silêncio, a oração e o ambiente de alegria, esperança e ressurreição.

Que significará a presença de tantos milhares de rapazes e raparigas dos quatro cantos do mundo, de várias ideologias, de diversas religiões ou confissões (católicos, protestantes, ortodoxos, budistas...), à volta de uma comunidade de monges comprometidos numa vida de pobreza, celibato e obediência, participando na abertura dum Concílio que é uma «aventura», uma peregrinação a caminho do Transcendente e do Homem?! Folclore?- Snobismo?! Alienação?! Não. Antes, busca de algo que a droga, o sexo, o bem-estar — em resumo, a sociedade de consumo — não conseguem dar a esta juventude saciada de técnica e progresso, mas cheia de fome e sede de «contemplação e luta».

A organização da vida do dia-a-dia, no que diz respeito aos jovens, é feita pelos próprios rapazes e raparigas. A Comunidade não interfere. São os jovens que fazem o acolhimento, cozinham, lavam a loiça, organizam os grupos de reflexão, mantêm o respeito na igreja da Reconciliação, limpam-na, ajudam a que ninguém se sinta isolado. E tudo corre numa perfeita ordem que surpreende qualquer pessoa.

O silêncio. Hodiernamente, quase se perdeu a utilidade e valor do silêncio, tão necessário para retemperar as energias do corpo e do espírito. Importantíssimo para o homem penetrar dentro de si. Ora,

Continua na página 6

O TERRÍVEL BASÍLIO

CARLOS NEVES

À medida que os dias, semanas e meses vão passando, de igual modo os conhecimentos com outras pessoas vão aumentando, como é lógico, chegando mesmo a criar-se amizades puras que, não fazendo esquecer os amigos da terra natal (isso é impossível!), levam-nos a uma convivência de certo modo agradável que nos permite sentir como em casa, como em família.

Isso aconteceu, por exemplo, com o Rui Torres, um guedelhudo e barbudo funcionário dos TAP no aeroporto de Luanda, natural da beirã cidade do Viriato. Pois o Rui, quando me soube aveirense, imediatamente me atacou com um caixote de perguntas, duma forma que pressenti ansiosa e numa demonstração evidente de que dentro de si havia algo de Aveiro: «Conheces o Carlos Mendes e o irmão — o «Ginha»? os irmãos António e Carlos Santos? o Souto? o Sousa, irmão do saudoso «Zita»? e o Mário Rui Sacramento — o «Malinha» — já regressou a Aveiro?»!

Se conheço Rui Torres! se conheço!

Então não haveria eu de conhecer os rapazes da

Cont. na pág. 6

Carta de Luanda

ARTISTAS EXPÕEM

Conforme oportunamente anunciámos, foi ontem inaugurada, na «Galeria Convês», ao Cais dos Botirões, nesta cidade, uma mostra de trabalhos do conhecido e reputado artista aveirense Helder Bandarra, exposição que se manterá patente ao público até 19 do corrente, incluidos os domingos, das 15 às 20 horas.

Continua na página 4